



# A REFORMA CHEGA À AMÉRICA: O PIONEIRISMO DA FRANÇA ANTÁRTICA<sup>1</sup>

## **Euler Renato Westphal**

Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Professor titular da Faculdade Luterana de Teologia (FLT) e da Universidade da Região de Joinville (Univille).  
*E-mail:* eulerwestphal@gmail.com

## **Arlindo Ferretti Junior**

Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille. *E-mail:* jnferretti@gmail.com

## **Roberta Barros Meira**

Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade e do Departamento de História da Univille.  
*E-mail:* rbmeira@gmail.com

---

<sup>1</sup> Este artigo está ligado ao Projeto de Pesquisa de Pibic intitulado: “Narrativas protestantes nas terras da América: a circulação de ideias na França Antártica (1555) e no Brasil Holandês (1630)”, conduzido sob o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre 2016 e 2017.

---

## RESUMO

O presente artigo pretende investigar o desenvolvimento do processo de expansão protestante no Brasil, a partir da experiência da França Antártica. Traça para isso um perfil de três importantes atores: Nicolas Durand de Villegagnon – líder da colônia – e dos cronistas André Thevet – frade católico – e Jean de Léry – pastor protestante. Numa perfeita síntese da Europa quinhentista, a colônia da França Antártica representa o encontro da expansão marítima e da Reforma Protestante, motivadores essenciais das transformações econômicas e culturais do século XVI. O trabalho levanta questões relativas ao início do projeto missionário calvinista que se deu com a primeira empreitada colonial francesa na América. Por fim, procura apontar, em meio à polêmica que a cerca, a sua fundamental importância para a história do protestantismo.

---

## PALAVRAS-CHAVE

História do protestantismo. Calvinismo. França Antártica. Patrimônio religioso. Patrimônio cultural.

---

## 1. INTRODUÇÃO

As agitações que tomaram a Europa durante o século XVI foram provenientes de uma série de transformações socioeconômicas e culturais, motivadas principalmente pelo advento das grandes navegações e pela Reforma Protestante. Nesse

contexto, a França passaria por momentos críticos. Era, também, uma conjuntura de excessiva disputa imperialista, já que os países ibéricos pretendiam fortalecer, por meio do Tratado de Tordesilhas, uma tentativa de excluir todas as outras potências europeias. A França, a princípio, a fim de obter também as riquezas americanas, estabeleceria uma rede de corsários (BICALHO, 2008, p. 34). Em meados do século, no entanto, já havia instalado uma colônia em terras portuguesas, afrontando diretamente o império luso.

Sob o ponto de vista do contexto religioso, a França entraria em uma forte crise, com sintomas de guerra civil. Apenas na Noite de São Bartolomeu, em 1572, mais de 30 mil protestantes foram mortos por ordem de Catarina de Médici. Apesar das perseguições, cada vez mais indivíduos – incluindo diversos nobres – convertiam-se à fé reformada. A divisão materializava-se nas diversas regiões do país, e as forças opostas equilibravam-se de maneira que

[...] o país viu-se submerso em guerras fratricidas que não conduziam a nenhum resultado, pois os huguenotes<sup>2</sup> eram incapazes de vencer os católicos, e estes não tinham força para acabar com aqueles (GONZÁLEZ, 2001, p. 178).

Certo é que essas guerras de religião se espalharam de um contexto nacional para o Novo Mundo. Essas disputas internas somaram-se assim ao movimento de expansão cultural ou religiosa que se tornava cada vez mais forte com o avanço das conquistas ultramarinas. A negação do Tratado de Tordesilhas possibilitou, sem dúvida, novas frentes de ação que passavam pela conquista de espaços territoriais e culturais do continente americano.

É nesse contexto, mais precisamente no ano de 1555, que a Baía de Guanabara, no atual Rio de Janeiro, assistiu à chegada de algumas centenas de franceses. Os colonos alocaram-se em uma ilha, sob o comando de Nicolas Durand de Villegagnon, Cavaleiro da Ordem de Malta. Entre o contingente colonial, encontrava-se o frade católico André Thevet. Mais tarde, um grupo de protestantes enviados por João Calvino também desembarcaria na ilha. Nesse grupo estava o

---

<sup>2</sup> Como eram chamados os protestantes franceses, principalmente de orientação calvinista.

estudante Jean de Léry. Tanto Léry quanto Thevet deixaram relatos de suas estadas na região e, embora não tenham convivido no Brasil, dão luz a um conflito de versões sobre o que de fato teria acontecido na colônia francesa.

O texto que segue procura investigar como se desenvolveu o processo de expansão religiosa que envolveu o que se consolidaria mais tarde como a parte portuguesa do continente americano. A análise centra-se, mais precisamente, nas figuras de Villegagnon, André Thevet e Jean de Léry. A fé reformada deste último contrasta com a ferrenha defesa do catolicismo de Thevet e a polêmica fé do vice-almirante. O que propomos é uma reflexão que possibilite pensar esses agentes sociais em uma posição que os coloca como peças-chave dessa história. Imersos num contexto de hostilidade religiosa, esses homens podem contribuir para a elucidação dos primórdios da expansão da fé protestante no mundo e, especificamente, no Brasil.

## 2. VILLEGAGNON E A FRANÇA ANTÁRTICA

---

A iniciativa para a instalação de uma colônia francesa no Brasil foi de Nicolas Durand de Villegagnon. A intensa movimentação dos portos europeus, as narrativas fantásticas do ultramar e o impulso aventureiro do militar foram determinantes para sua decisão (HOLANDA; PANTALEÃO, 2007). Vice-almirante da Bretanha, Villegagnon solicitou auxílio aos nomes mais próximos do rei Henrique II: o chefe da Marinha – e eminente protestante – Gaspar de Coligny e o cardeal de Lorena, importante figura católica do reino. Por intermédio desses homens, Villegagnon, famoso pelo sequestro da princesa Maria Stuart – que se tornaria esposa de Francisco II –, conquistou o apoio real, angariando fundos para sua empreitada no Brasil. Para a monarquia francesa, a presença direta nas terras americanas serviria de maneira mais precisa à sua inserção nas novas rotas internacionais de comércio.

A reunião de um grupo consistente de indivíduos para levar a cabo tal empreitada foi uma das dificuldades iniciais de Villegagnon. Mesmo evitando dar voz à violenta disputa religiosa em voga na França, conquistando relativa neutralidade nesse sentido, o Cavaleiro não obteve voluntários em número

suficiente para completar o contingente que ansiava. Buscou, então, nas prisões francesas, homens que estivessem dispostos a ganhar a liberdade em troca de uma aventura no além-mar. Com um contingente de cerca de seiscentas pessoas, partiu do porto de Havre no dia 12 de julho de 1555 (HOLANDA; PANTALEÃO, 2007, p. 168). Ao lado de Villegagnon estava o frade católico André Thevet, o primeiro cronista a descrever a colônia francesa e seus arredores, publicando suas *Singularidades* em 1557. Thevet permaneceu por pouco tempo na colônia; ficou doente e retornou à França após 12 semanas (AUGRAS, 1991, p. 22).

Em novembro do ano de partida, três navios franceses podiam ser avistados se aproximando da Guanabara. Como sintetiza Maria Fernanda B. Bicalho (2008, p. 32-33):

O lugar escolhido para se estabelecerem não foi o continente, mas uma ilha, que ficou conhecida como de Villegagnon. Ali aplainaram o terreno, levantaram casas, fizeram praças, uma casa de oração e um refeitório comum. Para defendê-la construíram um forte, que recebeu o nome do Almirante e chefe da Marinha francesa, Coligny. Não tiveram maiores dificuldades em conquistar a cumplicidade dos índios tamoios da região, que contribuíram no abastecimento de água e de alimentos [...].

Além do forte, Villegagnon poderia ter instalado uma pequena vila no continente. Apesar de questionada, a existência de Henriville – nomeada em uma evidente homenagem ao rei Henrique II – é defendida por Mariz e Provençal (2015, p. 111), que utilizam como evidência as cartas trocadas pelo vice-almirante. O cronista protestante Jean de Léry (2009, p. 122), que chegou à colônia com a segunda leva de colonos, não menciona a existência de habitações francesas no continente para além do pequeno núcleo que ele denomina *Brique-terrie*. Paulo Knauss de Mendonça (2008, p. 148) afirma, todavia, que as indicações feitas por Léry levam a crer que os dois nomes se refiram ao mesmo espaço.

Além da questão territorial, o ambiente foi marcado por uma profunda dificuldade de adaptação desses homens, o que contribuiu para o surgimento de inúmeros problemas. Doenças, fome e precariedade habitacional foram agravadas pela rigidez do vice-almirante. Villegagnon proibiu o contato íntimo dos franceses com as indígenas e instituiu a obrigatoriedade de

se realizar o matrimônio religioso daqueles que desejassem ter relações sexuais com as nativas (BICALHO, 2008, p. 33). Somando-se ao intenso trabalho de instalação colonial, tais condições promoveram deserções e, inclusive, uma conspiração contra a vida do Cavaleiro. Em sua carta para João Calvino, reformador exilado em Genebra, em 31 de março de 1557, Villegagnon (2009, p. 58) descreveu como evitou o ataque e fez de seus promotores um exemplo:

Evitamos este perigo da seguinte forma: tendo feito armar cinco de meus domésticos, comecei por ir diretamente contra eles; então, estes conspiradores foram invadidos por tal pânico e surpresa que, sem dificuldades nem resistência, tomamos e prendemos quatro dos principais autores do conluio que fora declarado. [...] No dia seguinte, soltamos um de suas correntes, a fim de que, em maior liberdade pudesse defender sua causa; mas ele saiu correndo, se precipitou no mar e se afogou. [...] Um deles [...] mostrou muita má vontade, e disse que o começo do conluio havia vindo dele [...]. Este foi enforcado e estrangulado por tal feito; aos dois outros perdoamos, de modo que, apesar de acorrentados, eles trabalham na terra [...].

A grave situação motivou Villegagnon a solicitar, por intermédio de seu sobrinho, Bois-le-Comte, que também se encontrava na França Antártica, novos colonos para sua empresa. A nova expedição desembarcaria na colônia em março de 1557, e, entre o contingente, encontravam-se alguns homens enviados por João Calvino (BICALHO, 2008). Mariz e Provençal (2015) levantam dúvidas sobre a possibilidade de Villegagnon ter enviado uma carta a Calvino solicitando o envio de pastores – hipótese defendida por alguns historiadores com base nas afirmações de Léry (2009, p. 76-77). Afirmam os autores:

Embora seja até concebível que o almirante do Brasil, em desespero de causa e apesar de ser católico fervoroso, tenha feito tal pedido a Calvino em uma eventual segunda carta da Guanabara [...] essa carta nunca foi encontrada (MARIZ; PROVENÇAL, 2015, p. 109).

Analisando as cartas do vice-almirante, Salvador e Bruand (1964, p. 210) indicam:

Villegagnon, embora cavaleiro da Ordem de Malta, andara medido numa série de acontecimentos históricos e pouco ligara para a religião como religião. Mas antes de vir à América parece ter sido bafejado pelo sôpro das idéias da Reforma.

Os autores continuam e ressaltam o cumprimento, enviado pelo vice-almirante no final de sua carta a Calvino, direcionado a Renata da França, de alta nobreza francesa, “a qual aderira à Reforma e era grande amiga de Calvino [...]. Donde se conclui sua simpatia, pelo menos, para com esses elementos, senão também para com a Igreja Reformada” (SALVADOR; BRUAND, 1964, p. 213). Esses autores concebem, a partir disso, que o vice-almirante realmente tenha solicitado diretamente a Calvino o envio de ministros.

Independentemente da solicitação direta de Villegagnon, Calvino enviou seus pastores, que se juntaram, rumo ao Brasil, a alguns outros artificios protestantes, sob liderança de Filipe de Corguilleray<sup>3</sup>. A princípio foram todos bem recebidos por Villegagnon. O vice-almirante demonstrava, em carta ao reformador datada de 31 de março de 1557, sua alegria ao receber esses homens: “Penso que não saberia declarar com palavras quanto me alegraram vossas cartas, e os irmãos que com elas vieram” (VILLEGAGNON, 2009, p. 55). Do mesmo modo, Richier e Chartier (apud SCHALKWIJK, 2004, p. 115), os dois ministros enviados pelo reformador, afirmavam que na Guanabara:

[...] qual presente do céu encontramos, como pai e irmão, Villegaignon<sup>4</sup>. Pai, digo, porque nos abraça como filhos, alimenta e sustenta, irmão porque conosco invoca o único Pai Celeste, Deus [...].

A religiosidade se tornaria, todavia, empecilho na relação entre o vice-almirante e os ministros de Calvino.

A segunda expedição direcionada à França Antártica tem o mérito de dar início ao processo de expansão religiosa ultramarina protestante, já que é, como elucidam Holanda e Pantaleão (2007, p. 173): “cronologicamente a primeira

---

<sup>3</sup> Também comumente indicado como “Senhor Du Pont”.

<sup>4</sup> Outra grafia possível para o nome do vice-almirante.

tentativa de ação missionária empreendida por uma das igrejas reformadas entre os povos pagãos [...]”. Calvino havia enviado seus homens não apenas para a propagação do Evangelho entre os indígenas, mas também para espalhar a religião reformada entre os próprios franceses estabelecidos no Brasil. Como Villegagnon (2009, p. 63) admitia em uma carta escrita em 1560 à Igreja de Genebra: “Pierre Richier, ex-carmelitano, vosso enviado e do mestre João Calvino, veio ao nosso deserto para nos instituir em vossa religião”. Os ministros tinham consciência de seu papel missionário, como também afirmava o vice-almirante: “Ao chegar, adotaram um belo título. Eles se nomearam Igreja reformada” (VILLEGAGNON, 2009, p. 70). Tal cenário é, a princípio, apreciado por Villegagnon. Em sua já mencionada carta ao reformador, o Cavaleiro se diz feliz por poder, finalmente, deixar de atuar como ministro da Igreja, citando o exemplo do rei Uzias<sup>5</sup> como motivo de sua preocupação (VILLEGAGNON, 2009, p. 55). Aos poucos, no entanto, o vice-almirante passou a transparecer seu desconforto com as práticas reformadas.

A questão religiosa em Villegagnon é complexa. Chama a atenção que o vice-almirante não dava indícios práticos de seu interesse na propagação do cristianismo nas terras do Brasil. A primeira leva de colonos só contava com um eclesiástico: André Thevet. Após a retirada deste, as funções religiosas ficaram sob responsabilidade do Cavaleiro, como deixa clara a analogia de Uzias. É interessante notar que a principal vantagem dos ministros calvinistas para Villegagnon estava, aparentemente, não na evangelização indígena, mas na manutenção da moral interna. Lamentando sua dupla função, Villegagnon (2009, p. 55) destacava:

Mas eu era obrigado a fazê-lo, de medo que nossos trabalhadores, que eu tomei em aluguel e os trouxe para aqui, pela frequência daqueles da nação, viessem a se sujar com seus vícios; ou pela falta de continuar no exercício da religião, caíssem em apostasia.

---

<sup>5</sup> Refere-se à história de Uzias, rei de Judá, punido com lepra por queimar incenso no templo, ritual de execução exclusiva dos sacerdotes. Sua história está relatada no capítulo 26 do segundo livro de Crônicas.



Mesmo que na prática não se fizesse claro, o vice-almirante fazia questão de afirmar suas intenções missionárias em suas epístolas. Quando escreveu ao chefe da Igreja de Genebra, lembrava o compromisso firmado com alguns indivíduos<sup>6</sup> ainda na França:

[...] eu havia assegurado a meus amigos que eu partia da França a fim de dedicar ao adiantamento do reino de Jesus Cristo, o cuidado e o trabalho que eu havia colocado, a partir daqui, diante das coisas deste mundo [...] (VILLEGAGNON, 2009, p. 56).

Em sua carta aos leitores de uma de suas obras contra Calvino, escrita em 1563, o vice-almirante afirmava: “fui ao Brasil com a intenção de lá plantar a palavra de Deus” (VILLEGAGNON, 2009, p. 70). É evidente, todavia, que não se podem analisar as palavras do vice-almirante sem levar em conta as motivações, o contexto e o objetivo de suas cartas. Quando escreveu ao reformador, visava demonstrar gratidão e garantir a continuidade do apoio recebido. Seu discurso, embebido em linguagem religiosa típica do período, também buscava agradar a Calvino. Não obstante, mais tarde, aos leitores de seu livro *Propositions contentieuses entre le Chevalier de Villegagnon et Jean Calvin, contenant la vérité de la Saint Eucharistie*, pretendeu se colocar como defensor e divulgador do verdadeiro cristianismo, opondo-se à teologia calvinista. Não se trata, claro, de preconizar uma postura de má-fé de Villegagnon, mas, sim, de pensar as problemáticas e dificuldades de uma religião recém-surgida. Os escritos desses atores indicam imprecisões no pensamento religioso, falas deliberadamente deturpadas ou, simplesmente, mudanças de opinião desses homens. Aliás, a expansão da fé enfrentava maior ou menor percalço, conforme o encarregado. Nesse sentido é que se chama a atenção para essas histórias individuais.

Como já aludido anteriormente, a boa relação do vice-almirante com os protestantes não teve mais que poucos meses de duração. A oposição de Villegagnon aos huguenotes tornou-se evidente na noite de Pentecostes de 1557. Questio-

---

<sup>6</sup> Possivelmente Coligny, o duque de Guise.

namentos a respeito da natureza da eucaristia e da licitude de se diluir o vinho indispueram o vice-almirante e o contingente protestante. Como afirma Mendonça (1991, p. 115):

O ponto máximo das discussões teológicas surgiu em torno do problema da possibilidade do pão poder ser fermentado ou não e se era permitido colocar água no vinho. A solução seria a consulta por carta a eclesiásticos da França.

O próprio vice-almirante revelava, em cartas posteriores, que, percebendo os erros e as heresias nos discursos calvinistas, foi tomado por um “desejo inacreditável de conhecer o segredo da ciência, e conhecer tudo em seus mínimos detalhes, na medida do possível” (VILLEGAGNON, 2009, p. 63-64). Ademais, confessava: “E assim aproveitei tanto que penetrei até os mais profundos esconderijos das tradições” (VILLEGAGNON, 2009, p. 63-64). Sobre o sacramento da Ceia, o Cavaleiro afirmava que os calvinistas estavam “pregando que ele consistia em duas espécies: uma visível, a outra invisível” (VILLEGAGNON, 2009, p. 63-64). Tornam-se evidentes, neste trecho, as motivações doutrinárias das divergências entre Villegagnon e os protestantes.

Antes que uma resposta à carta enviada para a França chegasse, os huguenotes já se encontravam no continente, buscando afastar-se da pressão exercida por Villegagnon – que já havia limitado os tempos de culto –, aguardando alguma embarcação que poderiam utilizar para retornar à França. Lá permaneceram, à beira da praia, até que um navio normando aportou na região. Carregada de especiarias e animais brasileiros, a embarcação seria o meio de retorno dos protestantes. Um problema, no entanto, se apresentaria, como descrevem Holanda e Pantaleão (2007, p. 176):

Devido, porém, ao excesso de carga, esteve a embarcação na iminência de soçobrar quando apenas se tinha afastado da costa. Feitos os reparos de emergência, discutiu-se sobre se convinha prosseguirem a viagem ou ficarem os passageiros de qualquer modo na Guanabara. A maior parte preferiu o primeiro alvitre, mas cinco dos calvinistas deliberaram pedir barca a fim de tornarem ao Rio de Janeiro.

De volta à ilha, a recepção foi como havia sido em 1557: amigável. Villegagnon, no entanto, desconfiado ainda por conta das confusões de outrora, mandou aprisionar os reformados após alguns dias. Para Mariz e Provençal (2015, p. 131), a prisão teria sido levada a cabo sob acusações de traição e deserção. Holanda e Pantaleão (2007, p. 176), no entanto, defendem que a prisão teve como mote um processo por heresia. Nossa análise indica que é impossível negar o fator religioso da prisão, uma vez que Villegagnon solicitou dos huguenotes aprisionados uma resposta a um questionário teológico, que resultou na chamada Confissão da Guanabara<sup>7</sup> ou Confissão Fluminense. Escrito na prisão, o documento transformou-se em motivo para a execução de três dos cinco protestantes. Dos que restaram, um deles teria fugido antes da prisão<sup>8</sup> (MARIZ; PROVENÇAL, 2015, p. 132), e o outro foi absolvido, supostamente por falta de provas.

Chegando à Europa, o relato da execução dos protestantes ganhou notoriedade. O martírio dos protestantes na América motivou, no hostil contexto religioso francês, a produção de uma série de panfletos e propagandas contrários ao vice-almirante – obrigando-o a retornar à França, a fim de responder às críticas que se lhe faziam. Quando, em 1560, a ilha foi cercada e atacada pelas forças portuguesas, o Cavaleiro já se encontrava no Velho Mundo (HOLANDA; PANTALEÃO, 2007, p. 178). Dada a vitória portuguesa, em 1565, sob o comando de Estácio de Sá, fundava-se a cidade do Rio de Janeiro. Ora, após essa primeira tentativa de colonização francesa, a Igreja Católica e a Coroa portuguesa precisavam marcar seus espaços.

Em Paris, Villegagnon solicitou um debate público com João Calvino e publicou obras teológicas e cartas, negando as doutrinas reformadas e detalhando sua atuação na América. Encontrou, ainda, com um pedido de ressarcimento ao embaixador de Portugal em Paris, por conta do investimento perdido no Brasil, sendo prontamente atendido (MARIZ; PROVENÇAL, 2015, p. 145). Em uma das correspondências, direcionada ao condestável Montmorency, já na década de 1560, Villegagnon

---

<sup>7</sup> A primeira Confissão de caráter reformado da América.

<sup>8</sup> A ausência de seu nome no documento confessional dá suporte a essa hipótese.

(2009, p. 67) garante sua fidelidade ao catolicismo, negando as acusações de que teria “ido para lá para ser o autor de uma nova lei sem ligações com a Igreja romana, nem com Calvino, nem com Lutero [...]”, reafirmando seu compromisso com o catolicismo:

Ao que me dediquei logo que me foi possível [...] por (meio) de um livro em latim que divulguei, demonstrando não só minha religião ser totalmente conforme à Igreja onde fiz profissão de cristandade, mas descobrindo a vaidade da doutrina de Calvino que vieram me anunciar marcada de palavras artificiais e agitas, que recusei e descartei ao conhecê-las [...].

Ainda que se possam levantar dúvidas sobre o fato de Villegagnon ter realmente solicitado ministros a Calvino ou de que tenha se convertido à Reforma, ou mesmo que se discutam os detalhes da condução tardia das relações entre o vice-almirante e os colonos protestantes, sobram indícios de que sua primeira atitude para com os missionários calvinistas foi de abertura. Não só deu espaço para a presença desses homens, mas também incentivou as cerimônias reformadas realizadas na ilha e, inclusive, participou delas. Villegagnon é, portanto, peça-chave para a primeira experiência protestante no Brasil. Todavia, o Cavaleiro tem presença ainda mais marcante no trágico fim do projeto calvinista: ao executar os três huguenotes, garantiu a hegemonia católica – ainda que portuguesa – sobre as terras brasileiras.

A aventura da França Antártica havia acabado. Os últimos representantes franceses da região foram expulsos em 1567<sup>9</sup>, com o ataque ao ajuntamento no morro da Glória, local onde teriam encontrado abrigo os remanescentes. No combate final, Estácio de Sá perdeu a vida, atingido por uma flecha. A batalha acabou em um acordo de retirada (MARIZ; PROVENÇAL, 2015, p. 143). Os reflexos de tal experiência, no entanto, não se findaram com a assinatura do documento que selava a rendição.

---

<sup>9</sup> Alguns franceses acabariam vivendo entre os indígenas por longo tempo.

### 3. VISÕES ESTANQUES SOBRE A FRANÇA ANTÁRTICA: ANDRÉ THEVET E JEAN DE LÉRY

---

Duas das mais importantes figuras da experiência francesa no Brasil foram André Thevet e Jean de Léry. O frade franciscano é reconhecido pelas descrições de suas viagens pela região do Mediterrâneo. Quando sua presença foi solicitada por Villegagnon, tinha publicado há pouco tempo sua *Cosmografia do Levante*. Ao retornar do Brasil, Thevet foi consagrado cosmógrafo do reino. Suas principais obras sobre a França Antártica foram publicadas em 1558 e 1574, respectivamente, *As singularidades da França Antártica* e *A cosmografia universal* (CALLADO, 2009, p. 19-20). Boa parte de sua descrição provém, conforme indica Augras (1991, p. 22), das informações adquiridas por meio dos marinheiros normandos que há muito habitavam entre os indígenas. Ao publicar a segunda obra, Thevet formalizaria sua acusação aos protestantes, condenando-os pelo fim da colônia na América.

Léry era estudante de Teologia quando foi enviado à América por Calvino, em 1556. Antes de ser consagrado pastor, o huguenote conduzia uma vida modesta na condição de sapateiro, refugiando-se em Genebra quando as perseguições religiosas na França começaram a se intensificar. A publicação de seu relato *Viagem à Terra do Brasil*, em 1578, teve grande aceitação dos leitores, e a obra foi traduzida em diversos idiomas, sendo sucessivamente editada com o autor ainda em vida (MOREIRA NETO, 2009, p. 16). Como afirma Léry (2009, p. 58), a série de mentiras espalhadas pelo frade André Thevet teria sido o impulso final para a publicação:

[...] ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura da *Cosmographie* de Thevet, que não somente repetia ele suas mentiras e ampliava seus primeiros erros [...] mas ainda se valia da oportunidade para detrair e caluniar com digressões falsas e injuriosas os ministros e imputar mil crimes aos que, como eu, os acompanharam em 1556 à terra do Brasil para ir ter com Villegagnon, vi-me compelido a dar à luz o relato de nossa viagem.

O prefácio brasileiro da única tradução disponível de *A cosmografia universal*, escrito por Ana Arruda Callado (2009, p. 20), sintetiza a oposição dos dois autores, afirmando que a rivalidade

[...] não é apenas a disputa entre dois cronistas que veem com cores diferentes o mundo novo que descrevem para os seus compatriotas. É coisa bem mais profunda, pois os dois representam, respectivamente, o catolicismo e a reforma calvinista.

No caloroso contexto religioso francês, os autores escrevem não apenas para legitimar suas posições de relatores, mas sua religião. Léry havia vivido o massacre da Noite de São Bartolomeu e, um ano depois, estava em Sancerre quando a região foi cercada pelos católicos. Suas experiências o fazem afirmar que a barbárie que ele havia presenciado entre os selvagens não era pior do que a realizada pelos próprios franceses (LÉRY, 2009, p. 201). Escreviam os dois autores para uma França devastada pelas guerras de religião.

A França Antártica apresentada por André Thevet é resultado de uma ordem do rei Henrique II, a fim de estabelecer uma colônia francesa na América. O cronista relatou a reunião, pelo vice-almirante, dos melhores recursos possíveis, ele próprio incluso: “estando suficientemente informado [...] da colaboração que eu poderia prestar a seu empreendimento, solicitou-me instantemente que o acompanhasse [...]” (THEVET, 1978, p. 18). O frade franciscano teceu diversas acusações aos protestantes enviados por Calvino, denunciando-os por conspirar contra o vice-almirante. O cronista afirmava que os protestantes “só pensavam em enricar, e em apropriar-se de tudo que pudessem, faziam alianças e manobras secretas [...]” (THEVET, 2009, p. 32) e foi por isso que “alguns dos sediciosos foram executados, e seus cadáveres dados como pasto aos peixes” (THEVET, 2009, p. 33).

Quando tratou de questões missionárias, Thevet não parecia colocá-las em primeiro plano, afirmando que teria se empenhado na conversão indígena se tivesse ficado mais tempo na América (THEVET, 2009, p. 91). Esse recorte de seu texto é particularmente interessante, pois o cronista acabou entrando em contradição. Afirmando que teve a função missionária usurpada pelos ministros de Calvino – o que reforça a

ideia de expansão protestante –, Thevet (2009, p. 91) negaria a acusação de que teria assistido à execução dos huguenotes, garantindo sua retirada da colônia já no início de 1556<sup>10</sup>. Ora, os ministros só chegariam à Guanabara em 1557.

A obra do cronista protestante, por sua vez, expunha que a intenção primeira de Villegagnon era a de “servir a Deus, de acordo com o Evangelho reformado”, e, mais que isso, “preparar um refúgio para todos os que desejassem fugir às perseguições [...]” (LÉRY, 2009, p. 75). Apesar da ideia disseminada por Léry, não há como garantir que o objetivo de Villegagnon era a instalação de um abrigo aos perseguidos. André Thevet não menciona tal intenção em suas obras, e não havia uma quantidade significativa de protestantes na expedição inaugural do vice-almirante. Ao todo, na verdade, como lembram Salvador e Bruand (1964, p. 215), cerca de vinte protestantes passaram pela França Antártica. A criação de um refúgio pode ter sido ideia de Coligny<sup>11</sup> quando ele recebeu informações da necessidade de novos colonos para a América. É possível, então, que ciente da proposta de Coligny, Léry tenha generalizado o objetivo de todo o empreendimento.

O caráter missionário assumido pelo cronista huguenote é explícito:

[...] minha intenção é a de perpetuar aqui a recordação de uma viagem feita expressamente à América para estabelecer o verdadeiro serviço de Deus, tanto entre franceses que para aí se haviam retirado como entre os selvagens que habitam aquelas terras [...] (LÉRY, 2009, p. 53).

Os pastores que vieram com Léry também apontavam objetivo semelhante, mas lamentavam as dificuldades geradas pelo idioma, fato que impossibilitava a pregação do Evangelho pela inexistência de intérpretes confiáveis (SCHALKWIJK, 2004, p. 108). Nesse cenário, a problemática da linguagem é

---

<sup>10</sup> Possivelmente André Thevet retirou-se da colônia com a expedição de Bois-le-Comte, ocorrida em 31 de janeiro de 1556. As semelhanças temporais parecem sustentar essa hipótese.

<sup>11</sup> Coligny pode não ter se manifestado em prol de um abrigo logo no início do empreendimento, uma vez que, como revela Whitehead (1904, p. 67), o almirante passaria pela conversão somente entre os anos de 1556 e 1557.

importante. A Reforma propagava a ideia de que a livre interpretação das Escrituras era fundamental para o fiel. Assim, como afirma Eni P. Orlandi (1990, p. 92),

[...] a questão da língua, na Reforma [...] torna-se uma questão crucial na relação entre o sagrado e o profano, estando o problema da relação do sujeito com o saber ligado ao problema do domínio da língua.

Não à toa, Léry investigaria com afinco a língua tupi, elaborando estudos de sua gramática.

Apesar de Léry e Thevet apresentarem claras divergências, como fica evidente pelas citações diretas feitas pelo huguenote na tentativa de desmentir as supostas falsidades do discurso do cosmógrafo, é possível encontrar algumas semelhanças importantes. Entre essas semelhanças estão a concepção da América como “paraíso terrestre” e do indígena como “bom selvagem”. Quando descreveu a América, por exemplo, Thevet (1978, p. 98) deu destaque aos suntuosos aspectos naturais:

Quanto aos terrenos que se encontram por toda a América, são fertilíssimos, repletos de árvores que dão excelentes frutos, sem exigirem cultivo ou cuidados. Não há dúvida de que se estes terrenos fossem cultivados produziriam maravilhosamente, tendo em vista sua situação, suas belíssimas montanhas e vastas planícies, seus rios piscosos e a grande fertilidade das terras, tanto insulares quanto continentais.

Léry (2009, p. 206), ao humanizar os selvagens, comparava-os aos ateus, que “negam todos os princípios e por isso mesmo são indignos de ouvir falar nas Santas Escrituras [...]”, enquanto

[...] nossos pobres brasileiros [...], apesar de sua cegueira, admitem não só a existência no homem de um espírito que não morre com o corpo, mas ainda que, ao separar-se deste, está sujeito à felicidade ou à desgraça perpétua.

Tais ideais não se limitam a esses autores, mas fazem parte do imaginário europeu do início da era moderna. Nota-se que tal perspectiva ganha diferentes tonalidades nos



discursos dos dois cronistas, mas acabam convergindo em alguns de seus sentidos.

A ideia de paraíso na mentalidade europeia é exaustivamente esclarecida por Holanda (2000), que aponta suas origens no livro de Gênesis. As epidemias, perseguições e guerras pelas quais passava a Europa opunham-se à ideia de Éden, idealmente livre de violência, tristeza e estabelecido na “feliz ignorância do bem e do mal” (HOLANDA, 2000, p. 185). Esse cenário era projetado, portanto, em terras longínquas. Laura de Mello e Souza (1986, p. 35), ao discorrer sobre a ideia de paraíso alimentada pelos portugueses sobre a terra do Brasil, indica que essa associação edênica é ainda reforçada pela necessidade de se tornar a novidade mais familiar, buscando no imaginário religioso os recursos para a compreensão do Novo Mundo. Concordando com Souza, afirma Augras (1991, p. 26): “O referencial interpretativo, nesse início da Idade Moderna, ainda é fornecido pela religião. A descrição dos costumes indígenas será articulada por categorias oriundas da teologia”.

Quando trata em específico dos indígenas, o cronista franciscano atribuiu diversas não qualidades a estes:

[...] esta região era e ainda é habitada por estranhísimos povos selvagens, sem fé, lei, religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais [...], à espera do dia em que o contato com os cristãos lhes extirpe esta brutalidade [...] (THEVET, 1978, p. 98).

Ao mesmo tempo, Thevet (1978, p. 107) fez questão de desmentir a monstruosidade absoluta dos indígenas americanos: “saem do ventre materno tão bonitinhos e lisos quanto as crianças européias”, negando também os boatos de que os indígenas comeriam – e seriam comidos por – suas proles (THEVET, 2009, p. 37). Léry (2009, p. 128) exaltava os aspectos físicos dos indígenas, indicando sua longevidade e robustez e se opondo, também, aos seus supostos aspectos monstruosos. Reduzindo a aversão europeia aos costumes indígenas, o huguenote relativiza a nudez indígena (LÉRY, 2009). Segundo o pastor, não havia luxúria em tal prática entre os nativos. A existência da antropofagia é também amenizada. O huguenote a oporia à ideia de canibalismo, já que,

entre os Tupinambás, a carne humana não era consumida diariamente como padrão alimentar, mas em ocasiões especiais, como símbolo de vingança (LÉRY, 2009, p. 198).

A perspectiva apresentada a respeito da visão que os autores lançam sobre os indígenas é particularmente interessante para que se compreenda o processo de expansão de fé no meio dos nativos. Como visto anteriormente, Thevet não tinha um objetivo missionário prático, condição avessa à dos protestantes. A teologia de Calvino, no entanto, não permitia que o processo catequizador se efetivasse da mesma forma que o conduzido pelos portugueses, uma vez que a própria prerrogativa de salvação havia recebido, a partir da Reforma, uma maior valoração da soberania de Deus sobre o destino dos homens. A ideia calvinista de queda absoluta coloca todos em pé de igualdade: a natureza humana é pecaminosa e é impossível chegar até Deus sem que este, antes, chegue até nós. Assim, não há diferença entre o pagão americano e o huguenote europeu em termos de mérito, já que, idealmente, essa é uma questão irrelevante na doutrina reformada de salvação (CALVINO, 1989, p. 252-260).

A relação com os indígenas partia da ideia de que estes seriam descendentes da amaldiçoada geração dos netos de Noé<sup>12</sup> ou da hipótese de que o apóstolo Paulo teria, pessoalmente, levado a palavra a essas terras (AUGRAS, 1991, p. 26). A possibilidade de salvação dos indígenas, no entanto, não é determinada na obra de Léry. O cronista protestante não narrou seus feitos como evangelizador, mas como observador externo de uma expedição que deveria cumprir esse objetivo. Não cumpriu. As dissidências da colônia, o já citado problema linguístico e a luta por sobrevivência, podem ter sido as motivações do fracasso da missão francesa na Guanabara. A historiadora Amy Glassner Gordon (1984, p. 16) vai além:

Talvez, como a própria aventura colonial brasileira, a aventura missionária tenha fracassado porque não havia uma compreensão clara entre os calvinistas quanto à sua responsabilidade pelas almas dos indígenas. Não só os ministros enviados para o Brasil por Calvino foram carregados com uma dupla missão, tanto

---

<sup>12</sup> Episódio retratado no capítulo nove do livro de Gênesis, em que Noé amaldiçoa a geração de Cam.

para colonos como para os índios, mas também não tinham certeza de que trazer os nativos a Cristo fosse algo que eles poderiam ou deveriam tentar fazer<sup>13</sup>.

Como admitiu Léry (2009), a expansão calvinista esbarrou nos problemas internos da colônia, principalmente na instabilidade do temperamento religioso do vice-almirante. Impedidos de estabelecer permanentemente uma Igreja reformada na América, os calvinistas acabaram marcando com sangue sua passagem pela Guanabara. Os relatos de Léry e Thevet ilustram de maneiras distintas o desenvolvimento da ocupação francesa e de seu fim, apontando as noções fundamentais da época para a condução da obra missionária.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Em uma Europa de hostilidades religiosas, a Igreja de Genebra encontrou no empreendimento de Villegagnon uma oportunidade para se propagar. O envio de seus ministros foi um passo importante para firmar a presença da Reforma no Novo Mundo. A Guanabara, por isso, foi palco de inúmeros pioneirismos: o primeiro culto, a primeira Santa Ceia, lamentavelmente, o primeiro martírio e, marcadamente, a primeira Confissão reformada das Américas. A execução dos três huguenotes insere-se na contagem do imenso número de cristãos assassinados por outros cristãos em nome de uma hegemonia eclesial. É possível considerar a França Antártica como um microcosmo de sua metrópole, mas esse rótulo parece limitar a experiência francesa: o Forte Coligny não apenas incorporou o contexto europeu, mas também contribuiu para sua acentuação. A disputa foi levada a Paris por meio dos embates teológicos articulados por Villegagnon, Richier, Calvino e dos relatos de Léry e Thevet.

---

<sup>13</sup> “Perhaps, like the Brazilian colonial venture itself, the missionary venture failed because there was no clearcut agreement among the Calvinists as to their responsibility for the souls of the Indians. Not only were the ministers sent out to Brazil by Calvin burdened with a double mission, to both colonists and the Indians, but they were also not quite certain about whether bringing the Indians to Christ was something they could or should be trying to do”.

Em processo de amadurecimento, a teologia de Calvino não fornecia um *corpus* missionário consistente, como apontado por Gordon (1984, p. 16). Essa característica intensificou ainda mais as dificuldades dos huguenotes no cumprimento de seu objetivo. O projeto foi repentinamente interrompido pela rígida oposição do Cavaleiro que se balançava ora para o lado do calvinismo ora para o lado do catolicismo. Ademais, tornou-se – como o era na Europa – mais urgente a luta pela sobrevivência do grupo do que o trabalho missionário. Quando enfim alcançaram o continente e se aproximaram mais dos indígenas, já não havia mais disposição ou condição para a evangelização. O retorno dos protestantes ao Velho Mundo representa, em uma dramática metáfora, a situação pela qual muitos daqueles homens haviam passado, sendo obrigados a abandonar suas casas por conta de sua fé.

No fim, o caos instituído na colônia acabou prejudicando sua manutenção. Diferentemente do que os discursos de Léry (2009) e Thevet (2009) possam sugerir, ao acusarem-se mutuamente, a problemática da colônia não foi de ordem estritamente religiosa, mas também administrativa. À incipiente missão calvinista somou-se a inexperiência colonial francesa.

Embora de maneira trágica, a experiência calvinista na França Antártica inaugurou o processo de expansão religiosa protestante no Novo Mundo. Os franceses ainda promoveriam, no mesmo século, outras tentativas de colonização: na Flórida – sob investimentos de Coligny e formada por colonos desviados da Guanabara –, no Maranhão e no Canadá. Posteriormente, a fé protestante encontraria nas terras americanas mais ao norte, conduzida, principalmente, pelos puritanos ingleses, o campo fértil para seu crescimento. É preciso, todavia, dar atenção para a experiência adquirida com esse primeiro passo em direção à formação de uma expansão colonial francesa. De fato, ainda há muito por desvendar nas falas desses homens que carregaram e reforjaram seus conflitos religiosos por toda uma longa empreitada além-mar.

# THE REFORM ARRIVE IN AMERICA: THE PIONEERING OF FRANCE ANTARCTIQUE

## ABSTRACT

---

This article intends to investigate the development of the process of Protestant expansion in Brazil, based on the experience of France Antarctique. It traces a profile of three important actors: Nicolas Durand de Villegagnon – leader of the colony – and the chroniclers André Thevet – Catholic friar – and Jean de Léry – Protestant pastor. In a perfect synthesis of sixteenth-century Europe, the colony of France Antarctique represents the meeting of maritime expansion and the Protestant Reformation, essential motivators of the economic and cultural transformations of the sixteenth century. The work raises questions regarding the beginning of the Calvinist missionary project that occurred with the first French colonial enterprise in America. Finally, it seeks to point out, in the midst of the controversy surrounding it, its fundamental importance for the history of Protestantism.

## KEYWORDS

---

History of Protestantism. Calvinism. France Antarctique. Religious patrimony. Cultural patrimony.

## REFERÊNCIAS

---

- AUGRAS, M. Imaginária França Antártica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-34, 1991. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2312/1451>>. Acesso em: 19 fev. 2017.
- BICALHO, M. F. B. A França Antártica, o corso, a conquista e a “peçonha luterana”. *História*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 29-50, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0101-90742008000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-90742008000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 27 maio 2016.

CALLADO, A. A. 450 anos de rivalidade. In: THEVET, A. *A cosmografia universal de André Thevet, cosmógrafo do rei*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, Batel, 2009. p. 19-23 (Coleção Franceses no Brasil: séculos XVI e XVII, v. 2).

CALVINO, J. *As Institutas ou tratado da religião cristã*. Tradução Waldyr Caralho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989. v. 3.

GONZÁLEZ, J. L. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2001. v. 6.

GORDON, A. G. The first Protestant missionary effort: why did it fail? *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, v. 8, n. 1, p. 12-18, Jan. 1984. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/1984-01/1984-01-012-gordon.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

HOLANDA, S. B. de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

HOLANDA, S. B. de; PANTALEÃO, O. Franceses, holandeses e ingleses no Brasil quinhentista. In: HOLANDA, S. B. de (Dir.). *História geral da civilização brasileira: a época colonial*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. v. 1, p. 165-196.

LÉRY, J. de. *História de uma viagem feita à Terra do Brasil, também chamada América*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, Batel, 2009. (Coleção Franceses no Brasil: séculos XVI e XVII, v. 3).

MARIZ, V.; PROVENÇAL, L. *Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica (1555-1567)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MENDONÇA, P. K. de. No rascunho do Novo Mundo: os espaços e os personagens da França Antártica. *História*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 143-153, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742008000100009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742008000100009&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 1º dez. 2016.

MENDONÇA, P. K. de. *O Rio de Janeiro da Pacificação: franceses e portugueses na disputa colonial*. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1991.

MOREIRA NETO, C. de A. Franceses no Brasil: séculos XVI e XVII. In: THEVET, A. *A cosmografia universal de André Thevet, cosmógrafo do rei*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, Batel, 2009. p. 15-17 (Coleção Franceses no Brasil: séculos XVI e XVII, v. 2).

ORLANDI, E. P. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora Unicamp, 1990.

SALVADOR, J. G.; BRUAND, Y. Os franceses na Guanabara: correspondência da França Antártica. *Revista de História*, São Paulo, v. 28, n. 57, p. 209-238, 1964. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/122671>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

SCHALKWIJK, F. L. O Brasil na correspondência de Calvino. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 101-128, 2004. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_IX\\_2004\\_\\_1/frans.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_IX_2004__1/frans.pdf)>. Acesso em: 19 fev. 2017.

SOUZA, L. de M. e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THEVET, A. *As singularidades da França Antártica*. São Paulo: Edusp, 1978.

THEVET, A. *A cosmografia universal de André Thevet, cosmógrafo do rei*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, Batel, 2009. (Coleção Franceses no Brasil: séculos XVI e XVII, v. 2).

VILLEGAGNON, N. D. de. *Cartas por N. D. de Villegagnon e textos correlatos por Nicolas Barré e Jean Crispin*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, Batel, 2009. (Coleção Franceses no Brasil: séculos XVI e XVII, v. 1).

WHITEHEAD, A. W. *Gaspard de Coligny: admiral of France*. London: Methuen & Co, 1904.

Recebido em fevereiro de 2017.  
Aprovado em fevereiro de 2018.